



FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA ELISABETH ALMEIDA BEZERRA LEITE

**ANÁLISE DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO DE PORTO RICO COMO
POSSESSÃO DOS ESTADOS UNIDOS.**

RECIFE/PE

2017

MARIA ELISABETH ALMEIDA BEZERRA LEITE

**POSSESSÕES TERRITORIAIS: ANÁLISE DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO DE
PORTO RICO APÓS A POSSE DOS ESTADOS UNIDOS.**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da
Instrução Cristã como requisito para obtenção do
grau de bacharelato no curso de Relações
Internacionais.

Orientador: Professor Doutor Ricardo Japiassu

RECIFE/PE

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

L533p Leite, Maria Elisabeth Almeida Bezerra.
Análise da identidade da população de Porto Rico como possessão dos Estados Unidos / Maria Elisabeth Almeida Bezerra Leite. – Recife, 2017.
42 f.: il. col.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Japiassu Simões.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Identidade. 3. Porto Rico. 4. Estados Unidos. 5. Estado livre associado 6. Contemporânea. I. Simões, Ricardo Japiassu. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2018-087)

MARIA ELISABETH ALMEIDA BEZERRA LEITE

Possessões territoriais: análise da identidade da população de porto rico após a posse dos estados unidos.

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã como requisito para obtenção do grau de bacharelato no curso de Relações Internacionais.

Orientador: Professor Doutor Ricardo Japiassu

BANCA EXAMINADORA

Orientador – Professor Doutor **Ricardo Japiassu Simões**

Examinador – Professora Mestre **Artemis Cardoso Holmes**

Examinador – Professor Mestre **Luís Emmanuel Barbosa da Cunha**

Recife, 11 de dezembro de 2017

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve ao meu lado, além de amigos, e ao corpo docente da faculdade, que sempre me apoiou.

AGRADECIMENTOS

Desde o início do percurso que iniciei em 2009, foram muitas incertezas, dúvidas, questionamentos e inquietações. Por isto, agradeço primeiramente a Deus por sempre estar presente em minha vida nos gestos mais delicados, me trazendo amor e força para continuar seguindo esta caminhada.

Gostaria de agradecer também a todo o corpo docente do curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas que sempre se empenhou ao máximo para que eu fosse capaz de concluir esta graduação através do conhecimento. Um agradecimento especial ao professor e estimado orientador, Doutor Ricardo Japiassu, por toda a dedicação e paciência, desde o início de nosso trabalho juntos.

Além deles, gostaria de agradecer a meus amigos porto-riquenhos que forneceram as entrevistas e tiraram todas as minhas dúvidas e questionamentos com a agilidade necessária e tranquilidade em ajudar.

Por fim, um agradecimento especial ao meu querido namorado pelo suporte constante e a minha amada família, por acreditar e investir na minha formação como pessoa e profissional.

"Uma nação não pode existir sem a posse de toda a sua riqueza material. A agricultura, a indústria, o comércio, as comunicações, franquias e toda forma de riqueza têm de estar em mãos nacionais para poder assegurar a vida da nacionalidade."

(Pedro Albizu Campos)

RESUMO

A presente monografia propõe-se a analisar a identidade da população de Porto Rico, após a posse dos Estados Unidos na região. Primeiramente, faz-se uma explanação sobre a transição de um governo geral que antes era espanhol e que passa a ser norte-americano após um tratado firmado por estes. Então, se analisa os diferentes modos de formação de uma identidade e através disto, se estuda a identidade da população porto-riquenha e suas características. Se discute a respeito do poder brando utilizado pelos Estados Unidos para implementar sua cultura e idioma na região, afim de tornar o território porto-riquenho mais conectado com a grande metrópole. Após, é levado em consideração a teoria neorrealistas das relações internacionais afim de averiguar a condição do território que atualmente recebe o título de Estado Livre Associado. Dentro disto, através de entrevistas com diferentes faixas etárias e gerações, são consideradas as observações de pessoas que nasceram e vivem em Porto Rico, tornando este trabalho o mais próximo possível de seus sentimentos e realidade. É levado em consideração a globalização mundial e o desenvolvimento das identidades como um todo ao analisar a identidade contemporânea da ilha. E finalmente, são explanadas as melhorias e retrocessos do ponto de vista da população após a chegada dos norte-americanos a ilha. Este é o cerne desta monografia, que pretende demonstrar o real sentimento e desejos de uma população que tem seu território dominado por um governo estrangeiro de uma superpotência internacional.

Palavras-chave: Identidade. Porto Rico. Estados Unidos. Estado Livre Associado. Contemporânea.

RESUMEN

La presente monografía se propone analizar la identidad de la población de Puerto Rico, después de la posesión de Estados Unidos en la región. Primero, se hace una explicación sobre la transición de un gobierno general que antes era español y que pasa a ser norteamericano tras un tratado firmado por éstos. Entonces, se analiza los diferentes modos de formación de una identidad y a través de esto, se estudia la identidad de la población puertorriqueña y sus características. Se discute sobre el poder blando utilizado por Estados Unidos para implementar su cultura e idioma en la región, a fin de hacer el territorio puertorriqueño más conectado con la gran metrópoli. Después, se tiene en cuenta la teoría neorrealista de las relaciones internacionales a fin de averiguar la condición del territorio que actualmente recibe el título de Estado Libre Asociado. Dentro de esto, a través de entrevistas con diferentes grupos de edad y generaciones, se consideran las observaciones de personas que nacieron y viven en Puerto Rico, haciendo este trabajo lo más cerca posible de sus sentimientos y realidad. Se toma en consideración la globalización mundial y el desarrollo de las identidades como un todo al analizar la identidad contemporánea de la isla. Y finalmente, se explican las mejoras y retrocesos desde el punto de vista de la población después de la llegada de los norteamericanos a la isla. Este es el núcleo de esta monografía, que pretende demostrar el verdadero sentimiento y deseos de una población que tiene su territorio dominado por un gobierno extranjero de una superpotencia internacional.

Palabras clave: Identidad. Puerto Rico. Estados Unidos. Estado Libre Asociado. Contemporánea.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO PORTO-RIQUENHA E A ANÁLISE DA TEORIA NEORREALISTA EM UM ESTADO LIVRE ASSOCIADO.....	12
2.1. O desenvolvimento da identidade da população de Porto Rico após a posse dos Estados Unidos.....	12
2.2. A análise do neorrealismo nas circunstâncias de Porto Rico como Estado Livre Associado.....	19
3. POPULAÇÃO CONTEMPORÂNEA PORTO-RIQUENHA E SUAS PERCEPÇÕES NA CONDIÇÃO DE ESTADO LIVRE ASSOCIADO.....	22
3.1. Investigação do sentimento que envolve a identidade contemporânea da população porto-riquenha em relação aos Estado Unidos.....	22
3.2. Percepções da comunidade porto-riquenha em relação a melhorias e retrocessos.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
6. ANEXOS.....	34
6.1. ANEXO A – Bandeira de Porto Rico.....	34
6.2. ANEXO B – Perguntas feitas aos entrevistados.....	35
6.3. ANEXO C – Entrevista a cidadão porto-riquenho 1.....	36
6.4. ANEXO D – Entrevista a cidadão porto-riquenho 2.....	38
6.5. ANEXO E – Entrevista a cidadão porto-riquenho 3.....	40

1. INTRODUÇÃO

Porto Rico é um arquipélago localizado na parte oriental do mar do Caribe, a leste da República Dominicana e a oeste das Ilhas Virgens. O conjunto de ilhas inclui Porto Rico como a ilha principal e outras menores, como Vieques, Mona e Culebra. Porto Rico faz parte das Grandes Antilhas, que são um conjunto das quatro maiores ilhas que se encontram no norte do Caribe, dentre elas estão: Cuba, Jamaica e Hispaniola.

Em 1898, no Tratado de Paris, Porto Rico passa a ser considerado possessão territorial dos Estados Unidos, nessas condições, o território passou ao status de possessão americana, o que lhe acarretou, até os tempos atuais, o nome oficial de Estado Livre Associado de Porto Rico.

Embora muitos registros mostrem que a primeira tentativa de invasão à Porto Rico pelos EUA foi somente em julho de 1898, nos registros do general Nelson Miles (1839-1925), ele destaca que em 5 de maio de 1898, Porto Rico foi invadida pelas tropas norte americanas no povoado de Seva, porém o comando estadunidense acabou por sofrer um grande contra ataque da milícia local ainda nos primeiros momentos da ofensiva.

As palavras de Miles em suas cartas (apud NIEVES, 2006, p. 23) relatam o ocorrido:

Hoje começou a invasão de Porto Rico. Tal e como havíamos planejado, desembarcamos às 1000 horas pela praia do povoado de Seva. Porém sofremos um sério revés. Foi desajeitado. Nossos agentes me garantiram que, se houvesse resistência, seria mínima. Minhas escutas desembarcaram antes e encontraram tudo tranquilo na praia. Então, ordenei que o desembarque do grosso das tropas, o qual não tive contratempos (deveria ter suspeitado). Uma vez organizados, iniciamos a marcha triunfal para o povoado e foi então que nos surpreendeu uma formidável força inimiga, sobre a qual ainda não sei absolutamente de nada.¹

A comunicação de agentes norte-americanos com políticos influentes de Porto Rico da época, como Luis M. Rivera – que esperava receber em troca ao apoio prestado, o poder de governança da ilha sob a bandeira norte americana, o que de fato nunca ocorreu – garantiram aos EUA uma cooperação de grande importância para sua próxima investida contra a ilha. Como aconselhado por Rivera, as tropas de Miles deveriam invadir pelo povoado de Guánica, na costa sul da ilha, onde não teriam tropas armadas.

¹ Traduzido livremente do original: Hoy comenzó la invasión de Porto Rico (sic). Tal y como habíamos planeado, desembarcamos a las 1000 horas por la playa del pueblo de Seva. Pero sufrimos un serio revés. He sido un torpe. Nuestros agentes me garantizaron que, de haber resistencia, sería mínima. Mis escuchas desembarcaron antes y encontraron todo tranquilo en la playa. Entonces ordené el desembarco del grueso de las tropas, el cual no tuvo contratiempos (debí sospechar). Una vez organizados, iniciamos la marcha triunfal hacia el pueblo, y fue entonces que nos sorprendió una formidable fuerza enemiga ("a formidable enemy forcé"), sobre la cual aún no sé absolutamente nada.

Em 25 de julho de 1898 então, Porto Rico foi oficialmente invadida pelo comando norte americano, enfrentando perdas mínimas, frente aos três mil soldados norte-americanos. A marcha seguiu em direção a Ponte de León onde Rivera esperava com as honras para o reconhecimento do poder soberano dos EUA perante Porto Rico.

Nos primeiros dias de agosto do mesmo ano, as tropas norte americanas voltaram a Seva, mas agora atacando por terra, com o objetivo de dizimar a resistência lá estabelecida. O que ocorreu em Seva foi devastador, segundo os registros de Miles, o general descreve a batalha com atos heroicos de um povo resistente e que estava em completa desvantagem numérica contra as tropas estadunidenses. O término da luta se resume por extinguir até mesmo os imparciais sobreviventes porto-riquenhos, sendo mulheres, crianças ou homens, em atos de fuzilamento.

Ainda nas cartas de Miles (apud NIEVES, 2006, p.31):

Nem mesmo em Wounded Knee vi tantos atos heroicos como vi em Seva. Por isso consultei o meu estado maior e tomei a seguinte determinação: devemos apagar todo rastro desta oposição. Tomamos os seguintes passos: morreram 650 durante o combate; havíamos prendido os restantes 71 (40 mulheres, 8 homens, 23 crianças). Mas já que é necessário apagar todos os traços, no outro dia ordenei que fuzilassem todos. Terminamos de queimar e demolir o pouco que ficou do povoado (o trabalho de nossos canhões tinha sido minucioso). Já não ficaram vestígios de sua existência. Tão logo consolidamos nosso controle sobre todo o país, apagaremos todas as menções a Seva de todos os registros, jornais, livro ou papel e o apagaremos de todos os mapas. Assegurarei pessoalmente, de que este povoado pereça para sempre e de que não possa renascer como uma espécie de Álamo.²

Finalmente Miles cuidou para que Seva e sua história fossem completamente retiradas de todo e qualquer tipo de registro que revelasse sua existência. Fazendo toda lembrança daquele povo se perder no tempo, na intenção de evitar qualquer levante futuro e noções do que ocorreu na região.

A partir daí os EUA se estabeleceram na ilha. O lugar onde antes ficava localizado o povo de Seva, serviu de espaço para uma base militar chamada Ceiba – nome propositalmente parecido na pronúncia espanhola ao do antigo povoado, na intenção de mascarar qualquer

² Traduzido livremente do original: Ni siquiera en Wounded Knee vi yo tantos actos heroicos como he visto en Seva. Por eso he consultado a mi estado mayor y he tomado la siguiente determinación: debemos borrar todo rastro de esta oposición. Hemos tomado los siguientes pasos: murieron 650 durante el combate; habíamos apresado a los restantes 71 (40 mujeres, 8 hombres, 23 niños). Pero ya que es necesario borrar toda huella, al otro día ordené que los fusilaran a todos. Terminamos de quemar y demoler lo poco que quedaba del pueblo (la labor de nuestros cañones había sido minuciosa). Ya no queda huella de su existencia. Tan pronto consolidemos nuestro control sobre todo el país, haré borrar toda mención de Seva de todo expediente, periódico, libro o papel, y lo borraremos de todos los mapas. Me aseguraré, personalmente, de que este pueblo perezca para siempre y de que no pueda renacer convertido en una especie de Álamo.

vestígio de Seva – e o governo norte americano tomou posse da região com o disfarçado propósito de liberdade.

Segundo Octavio Ianni (1988):

Ainda que um objetivo básico seja a luta ideológica entre capitalismo e socialismo, cabe reconhecer que há interesses norte-americanos no Hemisfério Ocidental que se opõem aos interesses de europeus e japoneses. Convém não esquecer que durante a Segunda Guerra Mundial os norte-americanos aproveitaram para expulsar esses interesses e alargar a sua penetração. Depois, com as várias fases da Guerra Fria, a ilha de Porto Rico continuou a ser importante, redefinida segundo as exigências das conjunturas críticas emergentes no Caribe, América Central e o conjunto da América Latina. O exército, marinha e aviação que cobrem terra, mar e ar portorriquenhos [sic] cobrem terra, mar e ar latino-americanos. Porto Rico é um caso singular, extremo, do que tem sido a diplomacia total dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental, que é a expressão mais frequente nessa diplomacia.

Uma vez que a condição de uma possessão traz diversas contradições diferentes de análise, no primeiro capítulo deste trabalho, serão apresentadas as alterações na condição da identidade da população de Porto Rico como possessão mundial abordando a teoria neorrealista das Relações Internacionais.

No capítulo dois serão demonstrados os efeitos da intervenção norte americana, revelando as implicações deste imperialismo na identidade contemporânea de Porto Rico, assim como melhorias e retrocessos do ponto de vista da população.

A intenção do presente trabalho busca principalmente analisar a identidade da população de Porto Rico, na condição de possessão norte americana. Um povo que passa por grandes mudanças políticas e econômicas, acaba tendo tais acontecimentos integrados aos seus costumes e tradições.

2. O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO PORTO-RIQUENHA E A ANÁLISE DA TEORIA NEORREALISTA EM UM ESTADO LIVRE ASSOCIADO

2.1. O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO DE PORTO RICO APÓS A POSSE DOS ESTADOS UNIDOS

A princípio, é importante esclarecer as mudanças que ocorreram na dinâmica de Porto Rico em diferentes aspectos, após a transferência do governo hispânico para o americano. Em posse do governo espanhol, Porto Rico passou por uma transição econômica, em decorrência de embargos impostos pela metrópole no controle do comércio de exportação. Os porto-riquenhos clamavam por mais liberdade nas exportações, que eram de grande importância para a economia da região.

A transição de um governo espanhol para um norte americano mudou de muitas formas a vida dos porto-riquenhos. Os EUA, como uma economia capitalista em desenvolvimento, necessitavam principalmente de exportar capital, não se abstendo apenas ao domínio do comércio, também da produção na colônia. O governo dos EUA passava a dominar terras de grandes latifundiários, na tentativa de quebrar a hegemonia regional da classe dominante. Acabaram, então, com o cultivo do café, que antes era o principal fator de produção da agricultura, substituindo-o pelo açúcar. O território logo começava a competir com grandes indústrias produtoras, inclusive norte-americanas.

Angelo G. Quintero Rivera (1979, p. 22) afirma:

A invasão norte-americana em 1898 não só significou uma mudança de metrópole para os porto-riquenhos, se não, mais importante, representou uma transformação no significado econômico das relações coloniais: de um colonialismo mercantilista a um colonialismo imperialista.³

Porto Rico foi inserido completamente no mundo capitalista, o que acabou por gerar contradições ideológicas internas. Os fatores de produção, como trabalho, terra e capital passaram por uma grande transição desde a instalação do governo norte-americano, gerando uma reorganização da produção, assim como da população em si. A economia da dominação dos grandes latifundiários transformou-se, em menos de dez anos, em uma economia capitalista açucareira. Latifundiários de médio e pequeno porte acabaram por perder suas terras para as corporações açucareiras. Isto explica por que já em 1910, três grandes companhias açucareiras

³ Traduzido livremente do original: La invasión norteamericana de 1898 no sólo significó un cambio de metrópole para los puertorriqueños, sino, más importante aún, represento una transformación em el significado económico de las relaciones coloniales: de um colonialismo mercantilista a um colonialismo imperialista.

norte-americanas controlavam mais da metade do total de terras dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar.

O que se estabeleceu, gradativamente, em Porto Rico, foi uma classe capitalista, que passou de grandes latifúndios para plantações, acelerada com a ocupação norte-americana. A nova postura estabelecida na economia porto-riquenha foi vista não só na transformação das classes, mas também na literatura e manifestações culturais em geral. O camponês ignorante que antes era explorado pelos latifundiários, passava a ser a imagem do símbolo nacional da “harmonia patriarcal”⁴.

A economia porto-riquenha se voltou principalmente para a produção de açúcar, o que gerou déficit em outros setores de abastecimento da população, levando Porto Rico a aumentar em mais de seis vezes o valor das suas importações. Além do mais, se anteriormente somente 11% das importações eram provenientes dos EUA, essa porcentagem cresceu para 90% após vinte anos de dominação norte-americana.

A inserção de Porto Rico no sistema aduaneiro e tarifário dos EUA contribuiu fortemente para o crescimento das importações provenientes do país hegemônico, nutridas pelo desenvolvimento da economia capitalista instalada na ilha.

Estabeleceram-se, então, novos tipos de proprietários, formando uma classe burguesa nativa que acabou por adquirir ideais antinacionais. O que ocorreu em Porto Rico foram contradições ideológicas por parte da população. Enquanto os antigos latifundiários não queriam perder sua hegemonia, a nova classe de proprietários queria continuar crescendo.

Com a transição da produção de café para o açúcar, pequenos grupos de donos de terras porto-riquenhos, antes camponeses, começaram a investir na produção açucareira. Eles aproveitaram a demanda norte americana de exportação do produto, além da inclusão de Porto Rico no sistema aduaneiro e tarifário dos EUA. Esses novos proprietários se desenvolveram gradativamente, chegando a produzir em 1934, cerca da metade do açúcar processado. A expansão de sua produção dependia do acesso ao mercado norte-americano, assim como sua consolidação no mercado. Isto acabou por gerar um sentimento de antinacionalismo, ou seja, a defesa do colonialismo norte americano na região.

Já os antigos latifundiários, propulsores do Partido Unión de Puerto Rico queriam a reestruturação do sistema que lhes garantisse sua antiga dominação. Pois a partir deste

⁴ Denominação descrita em RIVERA, Angel G. Clases sociales e identidad nacional; notas sobre el desarrollo nacional puertorriqueño. GONZALES, Jose Luis; CAMPOS, Ricardo; FLORES, Juan. **Puerto Rico: identidad nacional e clases sociales**. Río Piedras: Ediciones Huracán, 1979, p 23.

momento, o controle e poder da produção, no caso da economia, está em transição para outras “mãos”.

Além destes dois tipos ideológicos que surgiram em Porto Rico, nasceu o sentimento dos trabalhadores dos principais centros urbanos, ou seja, artesãos independentes que tinham forte participação na população. Esses trabalhadores anteriormente, movidos pelas causas trabalhistas progressistas mundiais, haviam se juntado a ideologia de autoafirmação nacionalista que desabrochou nos grandes latifúndios, na intenção de deter o poderio espanhol. Porém, com o passar dos anos, na segunda década do século XX, esses mesmo trabalhadores cultivaram sentimentos antagônicos. À medida que os artesãos independentes se transformavam em trabalhadores assalariados da nova classe burguesa, seus ideais foram se convertendo numa visão socialista da pátria para todos. Então, foi criado, posteriormente, o Partido Socialista, que defendia a divisão de terras, indo de encontro com o ideal capitalista dos norte-americanos.

Desde então, após a possessão norte americana, a população de Porto Rico passou a se dividir em diferentes tipos de ideologias internas. Todas com seus pontos positivos e negativos aos olhos da sociedade, tanto na parte econômica e política, quanto no sentido de identidade do povo. Um povo que, como qualquer outro, tem uma bagagem cultural enraizada. Mas que, após anos de exposição a políticas e indivíduos estrangeiros, acabou por absorver e até modificar de fato, certos costumes e tradições.

Em seu discurso na Asamblea General de la Asociación de Maestros, em 1953, o até então governador de Porto Rico, Luiz Muñoz Marín, ressaltou:

Sabemos que a cultura porto-riquenha, o mesmo que a dos Estados Unidos, é e há de ser parte de uma grande cultura ocidental. Mas não existe tal coisa como um homem ocidental que não seja homem de um lugar no Ocidente. Se não somos ocidentais com raízes porto-riquenha, seremos ocidentais sem raízes. E a vitalidade dos povos tem grande necessidade de raízes. Somos gente ocidental a maneira de nossas raízes. Somos americanos dos Estados Unidos e americanos da América e ocidentais do Ocidente. E somos como porto-riquenhos de Porto Rico.⁵

Por mais tempo que o Estado de Porto Rico passe em posse dos americanos, o sentimento em relação a este povo estrangeiro ainda é diverso, até chamado de “oposto” por Ianni (1988).

⁵Traduzido livremente do original: Sabemos que la cultura puertorriqueña, lo mismo que la de Estados Unidos, es y ha de ser parte de una gran cultura occidental. Pero no hay tal cosa como un hombre occidental que no sea hombre de algún sitio de Occidente. Si no somos occidentales con raíces puertorriqueñas, seremos occidentales sin raíces. Y la vitalidad de los pueblos tiene gran necesidad de raíces. Somos gente occidental a la manera de nuestras raíces. Somos americanos de Estados Unidos y americanos de América y occidentales de Occidente. Y lo somos como puertorriqueños de Puerto Rico.

Com o objetivo de captar o real sentimento da população e sua identidade, este projeto fará uso de entrevistas a cidadãos de Porto Rico. Para isto foram entrevistadas pessoas de diferentes faixas etárias, como demonstrado nos “ANEXO B”, “ANEXO C” e “ANEXO D”, no intuito de abranger as visões das gerações mais velhas e mais novas. Foi definido também a localização na qual os entrevistados residem (a capital de Porto Rico, San Juan), com a finalidade de analisarmos perspectivas diferentes, mas que vivem no mesmo contexto e classe econômica.

Ao falar de identidade cultura de uma determinada população, é interessante, antes de tudo, estabelecer o que seria e como se formam as identidades específicas de cada população, levando em conta suas características e peculiaridades. No caso deste trabalho, iremos analisar a identidade da população de Porto Rico. Por tanto, torna-se necessário um estudo mais a fundo da base constitutiva de uma identidade para depois especificá-la.

A identidade de um povo se difere em sua cultura. Segundo Denys Cuche (1999, p. 176), “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.”. A identidade é um conjunto de vinculações em um sistema social, o qual envolve: classe social, classe sexual, classe de idade, nação, etc.

Manuel Castells (1999) apresentou três formas de construção da identidade de um povo. Foram elas: a identidade legitimadora, identidade de resistência e a última, identidade de projeto. Neste trabalho, com o intuito de analisar a identidade da população de Porto Rico, iremos explorar os dois primeiros tipos citados (identidade legitimadora e identidade de resistência) na construção de uma identidade que melhor se aplica aos nossos objetivos.

Como podemos entender, segundo Castells (1999, p.24) “A identidade legitimadora é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais(...)”. Ou seja, no cenário porto-riquenho, os Estados Unidos aparecem como ator dominante que busca impor sua vontade e cultura à população.

Este ator dominante faz uso de imposições sutis, características do *soft power* ou “poder brando”, conceito teórico retratado pelo americano Joseph Nye (2004). Tal poder seria o uso de instrumentos dos âmbitos da ideologia, cultura e política, com o intuito de promover a colaboração de outros Estados sem usar recursos pesados, ou seja, ameaça bélica.

Essa habilidade de exercer influência sobre outros países ao invés do uso da coerção é uma técnica iniciada há anos, desde os tempos das grandes revoluções (francesa e industrial) e é utilizada até hoje, como pode se observar facilmente na conduta norte-americana.

A cultura dos Estados Unidos atravessa oceanos e conquista das grandes às pequenas populações do mundo, cativando pessoas das mais variadas formas e pode-se dizer que grande parte deste processo se fez de forma sutil e silenciosa. Não devemos classificar que tais populações são simplesmente vítimas deste poder brando, pois como veremos neste trabalho, um indivíduo é constituído de opiniões e senso crítico.

Hebert Marcuse (1964, p. 23), retratou o ser humano como um ser unidimensional, sem capacidade de discernimento, como é possível observar em seu trabalho:

Os direitos e liberdades que foram fatores assaz vitais nas origens e fases iniciais da sociedade industrial renderam-se a uma etapa mais avançada desta sociedade: estão perdendo o seu sentido lógico e conteúdo tradicionais. Liberdade de pensamento, liberdade de palavra e liberdade de consciência foram – assim como o livre empreendimento, que elas ajudaram a promover e proteger – ideias essencialmente críticas destinadas a substituir uma cultura material e intelectual obsoleta por outra mais produtiva e racional. Uma vez institucionalizados, esses direitos e liberdades compartilharam do destino da sociedade da qual se haviam tornado parte integral. A realização cancela as premissas (...) Não obstante, essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência.

O poder brando é muito delicado e segundo Nye (2004, p. 99), “é mais difícil, por que muitos dos recursos cruciais estão fora do controle do governo, e seus efeitos dependem pesadamente da aceitação do público que os recebe”.⁶ Por isto, os desdobramentos destes tais efeitos podem ser lentos e imprecisos quando comparados a uma política pesada de impacto direto.

A outra identidade apresentada por Castells (1999), e que também faremos uso neste trabalho para caracterizar a essência da população porto-riquenha, é a identidade de resistência, que segundo o teórico, foi “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação; construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade...”.

Nas entrevistas realizadas aos cidadãos de Porto Rico, fica clara a demonstração de certa perseverança em manter a identidade do povo, como apresenta Castells (1999), é uma forma de apego aos próprios valores contra o que é externo e intervém na essência.

Segundo os porto-riquenhos, por mais que a identidade cultural tenha sofrido alterações, estas foram adaptadas à forma como a população local costuma viver. E as tentativas de uma intervenção mais opressiva na essência da população, foram fortemente combatidas,

⁶ Traduzido livremente do original: Soft power is more difficult, because many of its crucial resources are outside the control of governments, and their effects depend heavily on acceptance by the receiving audiences.

como foi no caso da implementação da língua inglesa, quando no início do governo americano as escolas foram obrigadas a ministrar suas aulas em inglês, porém o fato não se efetivou por resistência dos professores e cidadãos.

Com isto, podemos observar a identidade de resistência apresentada por Castells (1999), pois a população de Porto Rico passou e passa por momentos de luta pelos seus valores e direitos regularmente.

Ainda segundo Castells (1999), identidades podem sofrer transformações ao longo do tempo, seja por acontecimentos específicos ou mudanças na própria sociedade, pois nenhuma identidade se encerra essencialmente. Partindo desde ponto, é importante ressaltar que, ao destacar as duas formas de identidades apresentados pelo teórico, vê-se possível uma mescla entre as duas definições evidenciadas neste trabalho.

Em seus estudos, o mesmo teórico esclarece que uma comunidade pode sofrer mudanças na sua identidade em momentos diferentes de sua trajetória histórica, se “movimentando” entre os meios diferentes de formação. O teórico relata que não é surpresa uma população que tem sua personalidade baseada numa identidade legitimadora transitar para uma identidade de resistência, pois uma não anula a outra em meio ao processo de criação de uma identidade e este não se encerra em sua essência. A identidade da população vai caminhar junto com seu processo de desenvolvimento e este pode sofrer mudanças ao longo de sua trajetória.

Como destacado anteriormente, a população de Porto Rico viveu e tem vivido ambas as técnicas apresentadas em sua formação e estas podem variar sua influência ao longo da trajetória de desenvolvimento.

Castells (1999. Pág. 24), portanto, afirma que:

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidade legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica de identidade ao longo desta sequência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, per se, valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. Uma questão diversa e extremamente importante, diz respeito aos benefícios gerados por parte de cada identidade para as pessoas que a incorporam.

As palavras do teórico são vistas nas dos próprios porto-riquenhos que claramente demonstram uma abertura para o que lhes é de interesse da cultura e economia norte-americana.

Em seu trabalho, Hebert Marcuse (1964), explicou que as sociedades abrem suas fronteiras para o que lhe for de produtivo e vantajoso e aspiram afastar o que for inverso. Porém, num processo de *soft power* e construção de uma identidade com características legitimadoras, não só o que acrescenta positivamente à população local é o que de fato permanece e se integra.

No caso de Porto Rico, o inglês é um dos assuntos bastante discutidos pela população. O idioma é visto como uma língua externa, usada para as questões oficiais e públicas, mas que foi impelido pelos novos governantes da ilha. É no espanhol que está o sentimento de língua materna e que traz a história e características da população. Porém, atualmente, o inglês vem fixado com o sentido de complementar. Em seu estudo, Ianni (1988) declara que: “a maioria do povo afirma e reafirma o espanhol como forma de pensar e sentir, ser e devir” apesar da integração do inglês.

Isto pode ser observado nas palavras da própria população, que além de sentir que domina melhor a língua espanhola, tem o sentimento que esta é sua identidade e é como todos se comunicam na região. O inglês é uma língua que, às vezes, é requerida no trabalho e em assuntos de caráter externo e de interesse dos Estados Unidos, mas que apesar disto, não deixa de ser uma língua dominada pela maioria da população.

Mesmo assim, são poucos os porto-riquenhos que não falam a língua inglesa. Como dito anteriormente neste trabalho, logo no começo do domínio norte-americano, foi imposto que todas as escolas públicas deveriam ministrar suas aulas em inglês como uma forma de avançar com o programa de americanização. Mas mesmo com isto não se concretizando, os norte-americanos viram na educação um meio de penetrar na sociedade e a língua inglesa foi se infiltrando de outras maneiras e mais suavemente. O desejo dos norte-americanos de tornar as escolas embaixadas na língua inglesa, foi dissolvido de um modo mais tranquilo aos olhos da população e atualmente faz parte do currículo educacional algumas horas de aulas de inglês por semana. Uma configuração mais pacífica e que mostra claramente a característica do poder brando utilizado pelo governo dominante.

Nos relatos das entrevistas realizadas para este trabalho, integrantes da população porto-riquenha associaram a questão da inserção da língua inglesa como uma degradação à própria língua espanhola. Isto se vê evidentemente nas palavras de um dos entrevistados quando perguntado sobre mudanças na identidade cultural: “A maior alteração pode ser o idioma, o qual há empobrecido devido ao anglicismo que temos e a mistura contínua de espanhol e inglês”.⁷

A língua é o principal meio de comunicação da relação entre os seres humanos, pois possibilita a interação, o contato, a transmissão de sentimentos, superando muito além das suas próprias funções. É neste sentido que o sentimento de invasão quando se considera este ponto

⁷ Tradução Livre: La mayor alteración puede ser el idioma el cual a empobrecido debido al anglicismo que tenemos y la mezcla continua de español y ingles.”.

é mais forte, pois ocupa uma posição sensível e de grande valor afetivo para sociedade, é como penetrar mais afundo na casa das pessoas.

A partir de algumas mudanças, ordens do governo central, o porto-riquenho foi incorporando a cultura norte-americana ao seu dia a dia. E uma coisa que aconteceu de forma suave e tranquila, só se torna realmente perceptível quando a população presta uma certa atenção para analisar e refletir sobre o passado e o presente.

Os moradores mais velhos da ilha viram muitas mudanças acontecerem ao longo dos anos. Uma das questões mais citadas nas suas entrevistas foram as festividades americanas que acabaram inseridas ao calendário porto-riquenho, mas que segundo eles, o modo de celebrar é no estilo da ilha, como sempre fizeram.

A língua é deveras uma questão forte, pois como já citamos acima, carrega muito esse dilema de pertencimento, mas pequenas mudanças ocorrem no cotidiano e a população vai passando por pequenas transformações suaves. Tais transformações são passadas entre as gerações, até se tornarem “normais”. Uma das entrevistadas mais jovens relata claramente este sentimento quando diz: “Não conheço um Porto Rico sem os Estados Unidos, por isto, não posso dizer como era antes”.⁸

2.2. A ANÁLISE DO NEORREALISMO NAS CIRCUNSTÂNCIAS DE PORTO RICO COMO ESTADO LIVRE ASSOCIADO

Por mais que vivamos em um cenário mundial denominado como liberal, as condições nas quais se firmam as relações de Porto Rico e Estados Unidos não seguem os mesmos termos.

É no neorrealismo que este trabalho define as circunstâncias da relação entre estes dois territórios, que mesmo unidos teoricamente por um título que os definem como associados em termos políticos, Porto Rico ainda se sente em posição de desvantagem no que diz respeito aos Estados Unidos.

O neorrealismo tem como seu principal pensador, Kenneth Waltz, que em 1979, publicou sua obra mais renomada: *Theory of International Politics*. Este trabalho buscou apresentar a teoria neorrealista, que seria embasada no realismo. Porém, modificando uma perspectiva de sistema para um enfoque na estrutura do sistema, a política internacional de um Estado do domínio econômico e social nacional.

⁸ Tradução Livre: “No conozco un Purto Rico sin Estados Unidos por lo que no puedo decir como era antes.”

A teoria neorrealista determina que os Estados são igualmente soberanos no cenário internacional anárquico, mas ainda assim, considera as capacidades e habilidades de cada agente quando analisa suas ações no contexto global.

Como cita Marcos Faro de Castro (2001):

(...) na visão de Waltz o sistema internacional, sendo “regido” pelo princípio da anarquia, acaba se estruturando de acordo com os interesses dos principais estados sem que seja possível se cogitar de qualquer fonte de limitação a esses ou outros estados, que seja extrínseca ao próprio processo de seu engajamento na ação política auto-interessada.

A possessão dos Estados Unidos sobre os porto-riquenhos pode ser vista por uma perspectiva neorrealista no sentido que aquele tem o status de superpotência internacional e acaba por sobrepor isto ao Estado de Porto Rico. Segundo Waltz, os Estados devem prover suas seguranças individualmente, o que ele chama de *self help*, e neste ponto, o poder é um fator determinante para suprir quaisquer necessidades, até mesmo, aproveitar-se de outros Estados.

A teoria de Waltz (apud SALDANHA, 2011, p. 171) ressalta que:

(...) em Theory of International Politics, Waltz posiciona a política internacional em uma estrutura sistêmica internacional, sendo que para fundamentar a sua tese, isola a estrutura dos Estados, apresentando que o comportamento destes em um sistema internacional se dá efetivamente devido à sua natureza de Estado soberano, igual e indiferenciado em suas funções, mas com discrepância em suas habilidades e capacidades, o que acaba determinando as relações internacionais devido à existência de um meio internacional anárquico, o que impõe a proeminência das maiores capacidades das superpotências, que por sua vez, estruturam o sistema internacional de acordo com seus interesses individuais, através de um jogo estratégico de poder, impondo um lógica ao sistema internacional, reeditando, assim, o argumento de inevitabilidade do conflito e da impossibilidade de cooperação entre Estados.

O neorrealismo prevê um cenário de egoísmo. A ausência de um poder supra estatal abre espaço para a desconfiança entre os atores internacionais. A segurança torna-se a questão mais importante, pois ainda de acordo com Waltz (1959, p. 188) “na ausência de uma autoridade suprema, há possibilidade constante de que os conflitos sejam resolvidos pela força”⁹. A preocupação com seu próprio bem-estar aumenta o egocentrismo e a capacidade de tirar vantagens quando oportuno.

Contudo, a entrada dos norte-americanos em terras porto-riquenhas não deve ser vista somente pelo benefício dos Estados Unidos. A população de Porto Rico passou a conviver e integrar os estrangeiros, passando por diferentes níveis de aceitação diante das mudanças ocorridas, tanto econômicas, políticas e principalmente, culturais, que é prevista no estudo deste trabalho. Veremos mais a seguir as melhorias que os porto-riquenhos vivenciam e vivenciaram

⁹ Traduzido livremente do original: “In the absence of supreme authority there is then a constant possibility that conflicts will be settled by force”

com esta aproximação de uma grande potência mundial, apesar de terem sua identidade corrompida.

Ianni (1988) coloca em seus estudos que:

(...) essa sociedade nacional afirma e reafirma as suas peculiaridades no contraponto com os Estados Unidos. Sente-se latino-americana e não norte-americana. Seus heróis são Betances, Hostos, Albizu Campos e muitos outros. Possui sua história literatura, poesia, teatro, cinema, pintura e outras produções, nas quais ressoam lutas e façanhas nacionais. O seu sentido de humor é uma arma carregada de passado e presente. A irreverência, a burla da solenidade, sermão ou arenga têm raízes na cultura popular. Por sua arte e sátira verifica-se que o povo portorriquenho [sic] está decidido a sobreviver "*de qualquer maneira*" (GONZÁLEZ, 1980, p. 102/SÁNCHEZ, 1983).

A resistência da população de Porto Rico para manter sua identidade frente à intervenção norte-americana é uma expressão de sua força e amor pelos seus valores. O que para os Estados Unidos partiu de uma expectativa de vantagens para si mesmo, não levou em conta toda uma população que lá vivia e tinha seus próprios ideais e estilo de vida.

3. POPULAÇÃO CONTEMPORÂNEA PORTO-RIQUENHA E SUAS PERCEPÇÕES NA CONDIÇÃO DE ESTADO LIVRE ASSOCIADO

3.1. INVESTIGAÇÃO DO SENTIMENTO QUE ENVOLVE A IDENTIDADE CONTEMPORÂNEA DA POPULAÇÃO PORTO-RIQUENHA EM RELAÇÃO AOS ESTADOS UNIDOS

A identidade contemporânea é marcada por mudanças, sejam culturais, socioeconômicas ou de princípios morais, os quais requerem inevitavelmente uma readaptação do homem ao meio em que vive. Neste sentido, este capítulo busca explorar as opiniões da população mais jovem de Porto Rico, que tem seus pensamentos regados de atualidade e uma imensa visão de mundo através da globalização.

A base das sociedades e suas identidades estão essencialmente conectadas ao externo local, de seu conhecimento próximo e palpável. Onde esse “externo” é logo ali e a troca é feita de “igual para igual”. O “eu” se relaciona somente com o “outro” que faz parte do seu meio comum. Esta sociedade é descrita por Stuart Hall (2004, p. 11), em sua obra, *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*.

Ele ressalta que:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava (...) a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. (...) A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Dessa forma, o ser humano contemporâneo, que está relacionado diretamente com o presente, o atual, vivencia uma mudança neste seu cenário, pois a atualização da concepção de mundo é inevitável. A ampliação pela qual se passa após a globalização trouxe ao “eu” não só o conhecimento dos que o cercam, mas uma visão de tudo que agora lhe é possível ser e conquistar.

A globalização é um fator estabelecido mundialmente que interliga as sociedades mundiais tanto em termos econômicos e políticos, quanto sociais.

Hall descreve muito bem a situação pela qual as identidades como um todo têm passado. A fragmentação da identidade que define e constitui cada ser humano num contexto de mundo é de fato real, quando se observa a interdependência na qual estão inseridos.

Para Hall (2004, p. 12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

A globalização conecta todos de uma forma estrutural, ligando intrinsecamente partes de uma nação. Isso se revela na identidade das populações que acabam por captar diversas informações e absorver o que lhes pode ser de interesse ou não. A "nuvem" de singularidades é muito suave e silenciosa, permitindo ao ser humano sugar de forma branda e, às vezes, imperceptível.

Portanto, as conexões que os Estados fazem uns com os outros são transferidas a seus cidadãos, pois estes fazem trocas constantes com estrangeiros. E ainda sem contar o próprio trâmite global que atualmente é de livre acesso ao ser humano moderno, pois este é livre para transitar entre Estados, no máximo precisando de uma breve autorização de visto e comprovação de boas intenções.

Hall (2004, p. 12-13) ainda afirma que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

As identidades modernas são, portanto, um misto de tudo que o ser humano capta do externo, e como o externo atualmente é extremamente amplo e vai além dos olhos, pode-se imaginar a abundância de mundo a qual se tem acesso.

O porto-riquenho contemporâneo é justamente isso, uma identidade diversificada, mas que por ter seu território em posse dos Estados Unidos, acaba intensificando ainda mais essa diversidade.

Os Estados Unidos como país soberano internacional propaga sua essência a muitos Estados, fazendo uso do poder brando para executá-lo. No caso com Porto Rico, este contexto vai muito mais além, pois a ilha está em contato direto e sofre certas imposições de seu governo central.

Uma parte da população de Porto Rico declara se sentir feliz com as circunstâncias da relação com os Estados Unidos, mesmo aqueles com algumas ressalvas que veremos mais adiante. Mas é nos jovens que vemos um discurso mais ambíguo.

Os jovens se dividem entre felizes e cautelosos. Alguns se sentem, de certa forma, consumidos pela superpotência. As palavras de uma das entrevistadas retratam bem a ideia que circunda essa faixa etária: “Não tenho nada contra os Estados Unidos. Considero que se pode fazer grandes coisas sendo aliado dos EUA, mas as relações precisam melhorar. Acho que nos vêm como se fôssemos nada, quando na realidade contribuímos com muitas coisas para este país. Nós os representamos há muitos anos e ainda faz falta que nos levem mais em conta.”.¹⁰

O mundo globalizado permite que as pessoas tenham acesso a todos os tipos de informação e isto as permite “abrir suas cabeças” e ideias para uma grande gama de conhecimento. Neste sentido também, as pessoas acabam se tornando mais críticas e destemidas em expor suas próprias opiniões e pensamentos. É possível ver isso mais facilmente nos jovens, que refletem sobre o que acontece tanto sobre o que lhes é próximo, quanto ao que pode estar a quilômetros de distância.

Esse jovem porto-riquenho crítico a participativo contesta o que aos seus olhos parece desvantajoso e usa sua voz para alcançar mudanças ou pelo menos, fazer valer de alguma forma o seu pensamento. O simples fato de relatar e compartilhar seus sentimentos, para eles, já é uma forma de expor o que acreditam estar acontecendo de errado na sua terra.

Em um cenário global onde o liberalismo predomina, os porto-riquenhos veem a situação de seu território baseada em parâmetros neorrealistas, como já apresentamos anteriormente, como uma condição atrasada e que os mantém estagnados.

¹⁰ Traduzido livremente do original: No tengo nada en contra de los Estados Unidos. Considero que se pueden hacer grandes cosas siendo aliado de USA, pero las relaciones necesitan mejorar. Considero que nos ven como si fuéramos nada, cuando en realidad aportamos muchas cosas a ese país. Los hemos representado por muchos años y aún hace falta que nos tomen más en cuenta.

Como declarado anteriormente neste trabalho, os cidadãos mais velhos de Porto Rico viram as datas das festividades americanas sendo integradas ao calendário da ilha, mas esta inserção se torna superficial quando não é vivenciada de fato pelo povo. Quando não se tem o sentimento do real propósito de celebrar determinado episódio, isso pode acabar se tornando vazio para as pessoas.

Um dos entrevistados se expressou claramente, quando questionado sobre o que sentia ao celebrar as festividades trazidas pelos norte-americanos. Sobre a data de 04 de julho, quando se celebra a independência dos Estados Unidos, declarou “É somente um dia livre normal. Eu celebro por que desde que eu me lembre, isto tem sido celebrado, mas eu não faço coisas americanas no dia. Somente um longo final de semana para ir para a praia ou viajar. Nós não soltamos fogos de artifício ou nada disso.”¹¹

O 04 de julho é intensamente celebrado nos Estados Unidos, uma demonstração do grande patriotismo que domina a nação, porém para os porto-riquenhos, esta data não desempenha grande papel, pois a população de Porto Rico, por mais que tenha direito à cidadania americana desde de 1952, quando Washington lhe conferiu o status de "Estado livre associado". A cidadania não traz consigo o sentimento de pertencimento à superpotência. Os porto-riquenhos mantêm “dentro do peito” a forte afeição e amor pela região em que vivem, assim como a suas tradições e raízes hereditárias.

A ilha de Porto Rico antigamente era chamada de Boriquén, nome dado à ilha pelo antigo povo, os Taínos, que lá viviam antes da chegada dos espanhóis na época das grandes navegações. Do antigo nome da região surgiu o termo “boricua”, que é como muitos nativos se identificam quando falam de si mesmos. Quando perguntado a diferença entre se denominar porto-riquenho ou boricua, um deles relatou que “Boricua é o termo com mais coração”.¹² Boricua retrata as gerações antigas, raízes da terra em questão.

Segundo Liza Sánchez González, “Boricua é um termo comum de autoafirmação na comunidade extraterritorial; é um adjetivo que faz referência ao nome indígena (Taíno) da ilha principal de Porto Rico, Boriquén (...)”¹³

Os jovens usam esta denominação com orgulho e sentimentalismo, isso é uma das circunstâncias que os impossibilitam de simplesmente tornarem o quatro de julho uma data de

¹¹ Traduzido livremente do original: “It is just like a normal free day. I celebrate it because since I have memory it’s been celebrated but I don’t do American things on that day. Just a long weekend to go to the beach or travel. We don’t shoot fireworks or anything.”

¹² Traduzido livremente do original: “Boricua is the term with more heart”

¹³ Traduzido livremente do original: “Boricua” is a common term of self-affirmation in the stateside community; it is an adjective that references the indigenous (Taíno) name of Puerto Rico’s main island., Boriquén (...)”

grande comemoração, afinal de contas, eles têm um grande amor pela própria terra e os americanos são “eles” não o “nós” afinal.

Outra data destacada pelos porto-riquenhos foi o Dia de Ação de Graças. Celebrado nos Estados Unidos na quarta quinta-feira do mês de novembro, os cidadãos da ilha dizem celebrar por um significado diferente dos americanos.

Quando perguntado se tinham comemorações nesta data, a fala de um entrevistado expressou bem o todo “Sim. Mas Ação de Graças nós celebramos uma passagem com a família. Mas mais na linha de dar graças a Deus. E não a razão pela qual os americanos fazem. A sobrevivência do primeiro ano no novo mundo.”¹⁴

Nas entrevistas, grande maioria das pessoas destacaram a incorporação das datas celebradas nos Estados Unidos ao contexto de vida dos porto-riquenhos, mas o que ficou em evidência foi o modo como eles celebram cada data. Por mais que façam parte do cronograma anual, eles deixaram bem claro que as celebram de forma diferente dos americanos. Alguns sentem que com todas essas datas introduzidas, algumas celebrações próprias de Porto Rico perderam sua força e importância, porém isto não significa que as novas datas sejam celebradas como os americanos as fazem, só que o povo porto-riquenho achou uma forma de se adaptar a sua nova conjuntura enfim.

3.2. PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE PORTO-RIQUENHA EM RELAÇÃO A MELHORIAS E RETROCESSOS

Em 1898, Porto Rico passou a ser anexado ao território norte-americano, como já vimos acima. Isto trouxe aos porto-riquenhos em geral algumas melhorias e retrocessos, o que acabou dividindo um pouco as opiniões dos moradores da ilha.

A educação ganhou destaque, pois como visto anteriormente, foi por meio desta que primeiramente os americanos viram uma forma de penetrar no território. O investimento na educação era um modo de implementar alguns interesses na ilha.

Outra questão de destaque foi a economia que ganhou um desdobramento internacional, pois “as portas” da pequena ilha tinham agora uma base mais forte e consolidada no mercado, que permitia aos grandes investidores um cenário de oportunidades.

¹⁴ Traduzido livremente do original: “Yes. But thanksgiving we do celebrate a pass it with the family. But more in the line of giving thank to god. And not the reason for the Americans do. The survival of the first year in the new world.”

Com isto, foram gerados mais empregos e crescimento econômico no Estado, que até então, tinha sua produção voltada para suprir suas necessidades internas.

A abertura a um mercado mais amplo trouxe também mais incertezas, pois a partir do momento que a economia da ilha se abriu para grandes investidores, passou a fazer parte da interdependência que envolve o cenário internacional e segundo os porto-riquenhos, sofre custosamente com crises de âmbito global, justamente por não ter este crescimento e independência consolidados.

O porto-riquenho vive na sombra dos Estados Unidos, as leis federais regem o território e qualquer decisão a ser tomada tem que passar por aprovação da metrópole.

Um dos entrevistados destacou com ressalvas a política pela qual Porto Rico é regida “Não temos poder legislativo. Não podemos votar para presidente e nem temos representação no senado dos Estados Unidos”.¹⁵

Porto Rico não tem direito de tomar suas próprias decisões, mesmo com seu crescimento econômico. No caso, este crescimento vai a partir de onde começam os interesses dos norte-americanos para a ilha e para si mesmos. Segundo Ianni (1988), “O estatuto vigente, de Estado Livre Associado, confere a Porto Rico a condição de um país administrado por organizações políticas locais, mas em conformidade com as diretrizes políticas, jurídicas, econômicas, militares e culturais do governo dos Estados Unidos.”

Em 1917, o Congresso dos Estados Unidos assinou a chamada Lei Jones-Shafroth, que iniciou o processo de concessão de cidadania americana aos porto-riquenhos. Aos poucos esta cidadania foi se estendendo e os porto-riquenhos foram adquirindo certos direitos, como por exemplo, o de imigrar para os Estados Unidos.

Os cidadãos viram esta oportunidade como uma conquista, pois segundo eles, com isto há “mais oportunidade de emprego e fácil mobilidade de ir aos Estados Unidos e voltar”.¹⁶ Ou seja, muitos porto-riquenhos passaram a imigrar para os Estados Unidos em busca não só de empregos como dito acima, mas também de estudos e diferentes oportunidades de vida.

A comodidade de ter acesso a um dos países mais poderosos do mundo é muito bem quista pela população de Porto Rico, principalmente pelos jovens que, muitas vezes, veem nos Estados Unidos uma oportunidade de crescimento profissional. Em muitos casos, eles próprios já têm parentes que imigraram para a metrópole e se dizem até misturados em termos culturais

¹⁵ Traduzido livremente do original: “No podemos votar por el presidente ni tenemos representacion en el senado de estados unidos.”

¹⁶ Traduzido livremente do original: “Mas oportunidad de empleo y facil movilidad a los Estados Unidos y de vuelta.”

por conta dessas imigrações. Um dos entrevistados relatou o caso de sua família, que envolvia uma mãe americana e de acordo com ele a mistura acontece naturalmente e nesses casos se torna até mais fácil considerar que possuem costumes americanos e porto-riquenhos.

Dos pontos negativos que os entrevistados relataram se destacam principalmente as relações com o governo e a economia.

O governador da ilha é subordinado do governo geral dos Estados Unidos e este não abre espaço para forças complementares, através de senadores e deputados eleitos pelo território porto-riquenho, isto acaba por reprimir decisões a favor dos interesses da população de Porto Rico. Um dos entrevistados descreveu seu sentimento como de “sem voz”.

Como dito acima, na fala de um dos entrevistados, os cidadãos de Porto Rico não podem votar para presidente, o que para eles traz um sentimento de falta de reconhecimento, pois eles não têm direito de escolha sobre quem comanda o Estado. O presidente é o mesmo para ambos os territórios, porém somente o “verdadeiro americano” tem seu direito de escolha preservado sobre o cargo máximo do governo.

A economia é outro ponto em evidência nas falas dos entrevistados. Como dito anteriormente, a economia de Porto Rico cresceu bastante com a proximidade com os norte-americanos. No entanto, à medida que a economia cresce e passa a tomar mais espaço no mercado global, passa também a depender mais deste mercado e com isto, em momentos de crise, passa a ser afetada como não era anteriormente.

Os porto-riquenhos reconhecem que o crescimento econômico ajudou a alavancar o desenvolvimento do território como um todo, porém o status de Estado Livre Associado não permite que Porto Rico “caminhe com as próprias pernas” nesta área.

Sem poder tomar suas próprias decisões sobre a economia do território, os porto-riquenhos relatam que as crises mundiais abalam o Estado, além de gerar o crescimento de sua dívida externa e sobre esta, eles não têm controle total de decisão. Porto Rico declarou falência em maio de 2017, porém segundo reportagem do G1 Globo Online (2017), canal de economia e notícias, “o caso de Porto Rico não será formalmente chamado de falência, uma vez que a ilha está impedida, por conta da lei norte-americana, de usar essa rota.”

Severo Martínez Peláez (1979, p. 574), autor da obra, *La patria del criollo: ensayo de interpretación de la realidad colonial guatemalteca*, descreve que, "Uma sociedade vive uma situação colonial quando é governada em função dos interesses econômicos de classes dominantes de uma sociedade estranha."

É esta a sensação que envolve a população de Porto Rico, uma percepção que somente um morador local pode ter, que vive o dia a dia de seu Estado e que não o pode chamar livremente de “país”.

Porto Rico reconhece as melhorias e o desenvolvimento que os Estados Unidos trouxeram como superpotência governante. Contudo, o sentimento de violação no ponto de vista, principalmente dos jovens, ainda permanece no sentido que o governo geral não provê a ilha da forma que ela precisa e indo mais além, da forma que ela merece.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os dados apresentados ao longo dos capítulos, concluímos que a relação entre Porto Rico e Estados Unidos é envolta de diversos pontos delicados para ambos os Estados.

Os Estados Unidos têm interesses significativos em manter a ilha sob seu poder. O que inicialmente partiu do discurso de conservar o controle de todo o território americano e arredores como medida de segurança própria e interesse nas ideologias empregadas no continente, passou para um patamar mais elevado de interesses políticos e econômicos, além dos culturais. Segundo Ianni (1988), “Porto Rico é um caso singular, extremo, do que tem sido a diplomacia total dos Estados Unidos no Hemisfério Ocidental, que é a expressão mais frequente nessa diplomacia.”

Ainda é de interesse norte-americano manter a ilha sob seus “cuidados”, ao mesmo tempo que a população local se demonstra dividida em relação a seus passos futuros. Alguns entrevistados relataram se sentirem inseguros quanto a Porto Rico ter forças políticas e principalmente econômicas para assumir o controle de seu governo e comandar de vez a rédeas do Estado.

Os porto-riquenhos vivem sua relação com os norte-americanos entre “dois pesos e duas medidas”. Ao mesmo tempo que reconhecem grandes benefícios desta relação tão próxima com uma superpotência mundial, também expressam seu sentimento de desgosto quanto às decisões tomadas pelos seus governantes dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), onde eles não detêm nenhuma autoridade sobre. Suas representações em cada uma das casas representativas são mínimas, em proporções que sentem não ter forças para lutar pelos seus propósitos.

70% dos entrevistados dizem preferir que Porto Rico se torne um estado americano de fato, com igualdade de direitos em relação aos demais e com isto possam garantir suas colocações no congresso nacional, além de terem seus direitos e deveres com os Estados Unidos claramente definidos e ratificados

As conquistas obtidas pelos porto-riquenhos ao longo dos anos foram através de esforço e pressão sobre a metrópole. A impressão que esta transmite é de ceder às demandas reivindicadas pela população porto-riquenha aos poucos, de modo a acalmar as necessidades dos demais quando preciso e no momento oportuno para si mesmo.

Octavio Ianni (1988) coloca a situação real de Porto Rico com as seguintes palavras:

Sob todos os aspectos, Porto Rico é uma Nação sem Estado, no sentido de que não se expressa em um Estado que reflète a cara do povo. Os administradores pensam e falam em inglês. Para comunicar-se com o povo, traduzem para o espanhol. Possuem dupla solidariedade, uma das quais é a principal. Não expressam o idioma, a cultura, a história, a irreverência do povo. Correspondem a um poder alheio, estranho, estrangeiro. Por isso Porto Rico é uma Nação em busca de um Estado.

O atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump trata os porto-riquenhos de forma denegrada, expondo sua opinião abertamente quanto à dependência de Porto Rico da economia americana, uma dependência que foi pré-moldada e que atualmente faz um peso maior a balança da metrópole.

Enquanto isto, a população de Porto Rico segue “mergulhada” nas diretrizes norte-americanas, que são agravadas pela globalização e que fazem da identidade destes indivíduos mais estrangeira que o comum. A forte penetração se propaga através das gerações e com o passar do tempo vai se tornando cada vez mais habitual, à medida que a suas próprias identidades vão enfraquecendo.

Concluimos com a frase que marcou todo o desenvolvimento deste presente trabalho, esta frase é carregada no coração de muitos porto-riquenhos e lida no colorido de suas camisas: “Uma só estrela livre”¹⁷ fazendo alusão a bandeira do Estado, como é possível verificar no “ANEXO A”. À um povo que não quer somente ser mais um em meio a tantos, mas que luta para “ter voz”.

¹⁷Traduzido livremente do original: “Uma sola estrela libre”

REFERÊNCIAS

- BULL, Hedley. **A sociedade anárquica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol II. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: Funag, 2012
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999
- DENIS-MALDONADO, Manuel. **Hacia una interpretación marxista de la historia de Puerto Rico y otros ensayos**. Rio Piedras: Editorial Antillana, 1977
- DUANY, Jorge. Nation on the Move: The Construction of Cultural Identities in Puerto Rico and the Diaspora. **American ethnologist**, 2000. 27: 5–30. doi:10.1525/ae.2000.27.1.5. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/ae.2000.27.1.5/full>>. Acesso em: 03 dez. 2017, 19:53:59
- FARO DE CASTRO, Marcus – Caderno do REL, de Westphalia a Seattle: A Teoria das Relações Internacionais em Transição. In: **Caderno nº 20**: publicação do departamento de relações internacionais da universidade de Brasília. Brasília: 2º semestre de 2001
- GONZÁLEZ, Lisa Sánchez. **Boricua literature: a literary history of the puerto rican diaspora**. New York: New York University Press, 2001
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004
- _____; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Vozes, 2000
- IANNI, Octavio. **A questão nacional na América Latina**. Estud. av. vol.2 nº.1, São Paulo, Jan./Mar. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000100003>. Acesso em: 03 dez. 2017, 19:46:29
- JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007
- Jornal Estado de Minas**. Trump ameaça retirada de ajuda a Porto Rico. Belo Horizonte, 12 out. 2017, 19:37. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/10/12/interna_internacional,908187/trump-ameaca-retirada-de-ajuda-a-porto-rico.shtml>. Acesso em: 04 dez. 2017, 13:22:58
- LEÓN, Nuria. O status colonial dilacera Porto Rico. **Diário Liberdade**, Ferrol, 20 jun. 2017. Direitos nacionais e imperialismo. Disponível em: <<https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/165085-o-status-colonial-dilacera-porto-rico.html>>. Acesso em: 04 dez. 2017, 12:34:37
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial o homem unidimensional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964
- MORRIS, Nancy. **Puerto Rico: cultural, politics, and identity**. Westport: Praeger, 1995

MUÑOZ MARÍN, Luis, **La personalidad puertorriqueña en el Estado Libre Asociado**. Asamblea General de la Asociación de Maestros, 1953.

NIEVES, Luis Lopez. **Seva**. San Juan: Grupo Editorial Norma, 2006

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: PublicAffairs, 2004

PRESSE, France. Porto Rico pede para ser acolhido por proteção de quebra. **G1 Globo Online**, Rio de Janeiro, 04 mai. 2017. Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/porto-rico-pede-para-ser-acolhido-por-protecao-de-quebra.shtml>>. Acesso em: 03 dez. 2017, 20:35:57

RIVERA, Angel G. Clases sociales e identidad nacional; notas sobre el desarrollo nacional puertorriqueño. GONZALES, Jose Luis; CAMPOS, Ricardo; FLORES, Juan. **Puerto Rico: identidad nacional e clases sociales**. Rio Piedras: Ediciones Huracán, 1979

SALDANHA; Eduardo, **Teoria das relações internacionais**. Curitiba: Editora Juruá, 2011

WALTZ, Kenneth. **Man, the state, and war: a theoretical analysis**. New York: Columbia University Press, 1959

ANEXO

ANEXO A – Bandeira de Porto Rico.



ANEXO B – Perguntas feitas aos entrevistados.

1. **¿Puedes describir tu sentimiento hacia los Estados Unidos? Explicar.**

2. **¿Usted, como boricua, siente que la identidad cultural de Puerto Rico ha sufrido algún tipo de alteración después de la dominación norteamericana? Explicar.**

3. **¿Percibió cambios en la cultura de la población después de la posesión americana? Especifique.**

4. **¿Tuvieron cambios en las celebraciones y fechas conmemorativas? Si es así, ¿qué ha cambiado? Explicar.**

5. **¿Hablas inglés? Si es así, prefiere hablar inglés o español? ¿Por qué?**

6. **Con la posesión estadounidense, usted notó mejoras y / o empeoramientos en el desarrollo de Puerto Rico?
¿Qué crees que esta mejor? Especifique.
¿Qué crees que esta peor? Especifique.**

7. **En su opinión, Puerto Rico debe continuar como:**
 - a) **Una posesión de Estados Unidos**
 - b) **Ser un país independiente**
 - c) **Un verdadero estado americano****Explicar:**

8. **¿Cómo ves Puerto Rico en 30 años? Explicar.**

ANEXO C – Entrevista a cidadão porto-riquenho 1.

Nombre (opcional): Stephanie Sánchez

Edad: 27

Fecha de nacimiento: 02/18/90

Esta entrevista tiene el propósito de contribuir con el trabajo de conclusión de curso de la Facultad Damas de Pernambuco - BR.

El trabajo pretende entender la intervención de la dominación de Estados Unidos en la identidad cultural de Puerto Rico.

Por favor, pido detalles en las respuestas para mejor presentarlas en el trabajo.

1. ¿Puedes describir tu sentimiento hacia los Estados Unidos? Explicar.

No tengo nada en contra de los Estados Unidos. Considero que se pueden hacer grandes cosas siendo aliado de USA, pero las relaciones necesitan mejorar. Considero que nos ven como si fuéramos nada, cuando en realidad aportamos muchas cosas a ese país. Los hemos representado por muchos años y aún hace falta que nos tomen más en cuenta.

2. ¿Usted, como boricua, siente que la identidad cultural de Puerto Rico ha sufrido algún tipo de alteración después de la dominación norteamericana? Explicar.

Claro que sí, la mayoría de las cosas que tenemos provienen de USA, es un asunto complicado debido a las leyes de transportación que existen en PR debido a USA. Independientemente de esto, nos hemos mezclado mucho con personas de USA, mi madre nació en NY y considero que tenemos costumbres de USA y Puerto Rico.

3. ¿Percibió cambios en la cultura de la población después de la posesión americana? Especifique.

Cambios en cultura creo que siempre han ocurrido, sin embargo, creo que muchas cosas han podido ser conservadas.

4. ¿Tuvieron cambios en las celebraciones y fechas conmemorativas? Si es así, ¿qué ha cambiado? Explicar.

No sé si ha habido cambios en las celebraciones y fechas conmemorativas. En PR por lo general se celebran los mismos días que USA e incluyen algunos que son de PR.

5. ¿Hablas inglés?

YES

Si es así, prefiere hablar inglés o español? ¿Por qué?

Hablo dependiendo de qué país este y con qué personas estoy hablando. Si sé que la persona sabe más inglés que español pues hablo inglés, pero si sé que la persona me va a comprender mejor en español, hablo español, por lo general hablo español, es mi primer idioma.

6. Con la posesión estadounidense, usted notó mejoras y / o empeoramientos en el desarrollo de Puerto Rico?

¿Qué crees que esta mejor? Especifique.

No conozco un PR sin USA por lo que no puedo decir como era antes. A través de la historia nos han enseñado que USA ha traído mejoras a PR, no estoy segura de eso porque con la época de industrialización hubiésemos salido hacia delante independientemente de la alianza con USA.

¿Qué crees que esta peor? Especifique.

7. En su opinión, Puerto Rico debe continuar como:

- a) Una posesión de Estados Unidos
- b) Ser un país independiente
- c) Un verdadero estado americano

Explicar:

Puerto Rico puede ser cualquiera un país independiente o un estado. Tiene todos los recursos para ser un país independiente y hacer alianzas con otros países que no sean USA. Si fuera estado de USA fuera más de lo mismo.

8. ¿Cómo ves Puerto Rico en 30 años? Explicar.

Con todo lo que está ocurriendo en estos momentos no se cuál es el futuro de PR. Puede que mejore, empeore o se quede igual.

Muchas gracias por toda la información y ayuda. Un abrazo desde Brasil.

ANEXO D – Entrevista a cidadão porto-riquenho 2.

Nombre (opcional): Fernando Lamadrid

Edad: 26

Fecha de nacimiento: 28 de diciembre de 1990

Esta entrevista tiene el propósito de contribuir con el trabajo de conclusión de curso de la Facultad Damas de Pernambuco - BR.

El trabajo pretende entender la intervención de la dominación de Estados Unidos en la identidad cultural de Puerto Rico.

Por favor, pido detalles en las respuestas para mejor presentarlas en el trabajo.

1. ¿Puedes describir tu sentimiento hacia los Estados Unidos?

Mi sentimiento a los estados unidos es uno de cautela. Los estados unidos es una nacion poderosa la cual muchas veces tienen buenas intenciones pero en otras entran en situaciones que no deben.

2. ¿Usted, como boricua, siente que la identidad cultural de Puerto Rico há sufrido algún tipo de alteración después de la dominación norteamericana? Si es así, espedifique.

La mayor alteracion puede ser el idioma el cual a emprobecido debido al anglesismo que tenemos y la mezcla continua de espanol y ingles.

3. ¿Percibió cambios en la cultura de la población después de la posesión americana?

Si, idioma y adaptacion de la cultura americana.

4. ¿Tuvieron cambios en las celebraciones y fechas conmemorativas? Si es así, ¿qué ha cambiado?

Se adaptaron muchas de las celebraciones americanas, como Accion de Gracia, Dia de la Independencia, Memorial, Labor Day, entre otros.

5. ¿Hablas inglés?

Si

Si es así, prefiere hablar inglés o español? ¿Por qué?

Prefiero hablar español por que lo domino mejor.

6. Con la posesión estadounidense, usted notó mejoras y / o empeoramientos en el desarrollo de Puerto Rico?

¿Qué crees que esta mejor?

Nos dieron la ciudadanía americana con la cual se lograron proyectos de actividad económica que ayudaron al desarrollo del país.

¿Qué crees que esta peor?

No tenemos poder legislativo. No podemos votar por el presidente ni tenemos representación en el senado de estados unidos.

7. En su opinión, Puerto Rico debe continuar como posesión estadounidense, ser un país independiente o un verdadero estado americano? Explicar.

Puerto Rico debe ser un estado de los estados unido, ya que de esta manera tendremos los mismos derecho que los otros estados el cual nos permitira tener mas poder legislativo.

Muchas gracias por toda la información y ayuda. Un abrazo desde Brasil.

ANEXO E - Entrevista a cidadão porto-riquenho 3.

Nombre (opcional):

Edad: 57

Fecha de nacimiento: 5 de febrero de 1960

Esta entrevista tiene el propósito de contribuir con el trabajo de conclusión de curso de la Facultad Damas de Pernambuco - BR.

El trabajo pretende entender la intervención de la dominación de Estados Unidos en la identidad cultural de Puerto Rico.

Por favor, pido detalles en las respuestas para mejor presentarlas en el trabajo.

1. ¿Puedes describir tu sentimiento hacia los Estados Unidos?

Estados Unidos es un país imperialista. Las políticas del país son opresoras.

2. ¿Usted, como boricua, siente que la identidad cultural de Puerto Rico ha sufrido algún tipo de alteración después de la dominación norteamericana? Si es así, especifique.

Si, al inicio de la posesión se trató de cambiar toda la educación del país para reflejar la misma que la de Estados Unidos. Todas las clases en inglés. Esta política no duró mucho debido a la resistencia de los profesores.

3. ¿Percibió cambios en la cultura de la población después de la posesión americana?

Si, de una de pensamiento y fundamento familiares a una más centrada en el individualismo.

4. ¿Tuvieron cambios en las celebraciones y fechas conmemorativas? Si es así, ¿qué ha cambiado?

Si. Se adaptaron las celebraciones americanas.

5. ¿Hablas inglés?

Si

Si es así, prefiere hablar inglés o español? ¿Por qué?

Español. Por que es mi lengua madre.

6. Con la posesión estadounidense, usted notó mejoras y / o empeoramientos en el desarrollo de Puerto Rico?

¿Qué crees que esta mejor?

La economía mejoro en los 80 gracias a una politica america que logro el desarrollo de la infrestructura del pais.

¿Qué crees que esta peor?

El gobierno esta peor, la economia esta peor debido a el endeudamiento que se logro por medios de los inversionista de estados unidos.

7. En su opinión, Puerto Rico debe continuar como posesión estadounidense, ser un país independiente o un verdadero estado americano? Explicar.

Debe ser un pais indepediente. Al ser un pais independiente podremos hacer negocio y contratos con otros pais sin tener que pedir permiso a estados unidos el cual ayudara al pueblo de puerto rico.

Muchas gracias por la información y ayuda. Un abrazo desde Brasil.

